



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

NÃO SER FRONTEIRIÇO: OS EFEITOS DA SECURITIZAÇÃO DAS FRONTEIRAS NA PRODUÇÃO DE ALTERIDADES

Thais da Silva Alpires¹
e-mail: thais_alpires@ufms.br

Elisa Pinheiro de Freitas²
e-mail: elisa.freitas@uftm.edu.br

Alexandre dos Santos Cunha³
e-mail: alexandre.cunha@ipea.gov.br

Daniel Gustavo de Moraes⁴
e-mail: daniel_moraes@ufms.br

Silvana do Valle Leone⁵
e-mail: silvanadovalleleone@hotmail.com

(X) Apresentação Oral (GT)

GT 3: Fronteiras e Limites em Múltiplas Escalas

RESUMO

Este trabalho analisa como a securitização das fronteiras influencia a forma pela qual migrantes bolivianos, pendulares ou residentes na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul, percebem e significam a identidade fronteiriça. O objeto de estudo é o distanciamento desses sujeitos em relação ao reconhecimento de si como “fronteiriços”. O problema de pesquisa consiste em compreender por que indivíduos inseridos cotidianamente na dinâmica da fronteira não se reconhecem como fronteiriços, apesar de vivenciarem práticas sociais, econômicas e territoriais típicas desse espaço. Parte-se da hipótese de que a securitização da fronteira, ao produzir discursos e práticas que criminalizam a mobilidade e estigmatizam determinados grupos, contribui para a construção de uma percepção negativa da fronteira e de seus sujeitos. A metodologia adotada é qualitativa, baseada na reanálise de dados empíricos provenientes de um estudo de campo anterior voltado a examinar a percepção social local sobre a presença migrante no município. Com base nesse corpus, procede-se a uma nova inflexão analítica, agora centrada nas narrativas dos próprios migrantes bolivianos, privilegiando suas experiências, sentidos atribuídos ao território e estratégias de

¹ Doutoranda em Estudos Fronteiriços pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Corumbá, Mato Grosso do Sul.

² Doutora em Geografia Humana pela USP, Docente do Departamento de Geografia (DEGEO) da UFTM, Docente permanente do PPGEF-UFMS, Uberaba, Minas Gerais.

³ Doutor em Fundamentos da Experiência Jurídica (2009) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Docente do PPGEF-UFMS, Brasília, Distrito Federal

⁴ Doutorando em Estudos Fronteiriços pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Corumbá, Mato Grosso do Sul

⁵ Doutoranda em Estudos Fronteiriços pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Corumbá, Mato Grosso do Sul

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

pertencimento. A relevância do trabalho reside em evidenciar os efeitos simbólicos da securitização das fronteiras sobre subjetividades e formas de pertencimento, demonstrando como a fronteira deixa de ser percebida como espaço de convivência para se tornar um marcador social indesejado.

Palavras-chave: Fronteiras; Securitização; Migração boliviana; Identidade fronteiriça;

INTRODUÇÃO

As cidades localizadas em áreas de fronteira são caracterizadas por dinâmicas próprias de circulação, economia e cultura, nas quais a mobilidade cotidiana constitui elemento estruturante da vida social. Nessas localidades, a fronteira não se restringe à função de limite estatal, mas se manifesta como espaço vivido, marcado por interações contínuas entre sujeitos de diferentes nacionalidades, idiomas e referências culturais. Em tese, tais dinâmicas favoreceriam formas de convivência baseadas na proximidade, na familiaridade e no reconhecimento mútuo.

Entretanto, a vivência empírica em Corumbá, município situado na fronteira entre Brasil e Bolívia, revela que essa convivência é atravessada por tensões e hierarquizações. A presença de migrantes bolivianos no espaço urbano é frequentemente acompanhada por práticas de desqualificação simbólica, incômodo social e desprezo, especialmente em espaços públicos e de acesso a serviços. Ainda que não se observe um cenário de perseguição sistemática, essas manifestações indicam que a fronteira também opera como um espaço de diferenciação social, no qual determinados sujeitos são posicionados de forma subalternizada.

É nesse contexto que se insere o problema central deste estudo: compreender por que migrantes bolivianos, residentes ou pendulares em Corumbá, não se reconhecem como fronteiriços, apesar de estarem inseridos cotidianamente na dinâmica da fronteira. Observa-se que o termo “fronteiriço”, que designa uma condição social associada à experiência territorial da fronteira, passa a ser percebido por esses sujeitos como portador de sentidos negativos, frequentemente relacionados à ilegalidade, ao risco e à marginalidade.

O objetivo deste trabalho é analisar de que maneira os processos de securitização da fronteira influenciam a percepção e a significação da identidade fronteiriça entre migrantes bolivianos em Corumbá. Parte-se da hipótese de que discursos e práticas securitárias, ao associarem a fronteira à criminalidade e à ameaça, produzem efeitos simbólicos que afetam as formas de pertencimento e autoidentificação desses sujeitos, contribuindo para o distanciamento em relação à condição fronteiriça.

A justificativa do estudo reside na necessidade de compreender os efeitos da securitização para além do controle territorial e das políticas migratórias formais, evidenciando seus impactos sobre subjetividades e identidades em contextos fronteiriços. Ao abordar a fronteira a partir das percepções dos próprios migrantes, o trabalho contribui para o debate sobre fronteiras, mobilidade e identidade, a partir de uma perspectiva empírica situada.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

Além desta introdução, o artigo está estruturado em três seções. A primeira apresenta a metodologia adotada na pesquisa. A segunda dedica-se à análise dos resultados, com foco nas narrativas e percepções dos migrantes bolivianos. A terceira seção reúne as considerações finais, nas quais são sintetizados os principais achados e apontadas possibilidades de aprofundamento da discussão.

METODOLOGIA

A pesquisa possui natureza empírica, abordagem qualitativa e caráter exploratório-analítico, voltada à compreensão das percepções e significações atribuídas à condição fronteiriça por migrantes bolivianos residentes ou em mobilidade pendular na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul. O estudo baseia-se na articulação entre dados primários obtidos por meio de pesquisa de campo e resultados de investigações anteriores sobre a securitização da fronteira e seus efeitos nas percepções sociais acerca da migração na cidade.

A coleta de dados empíricos foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, aplicadas a migrantes bolivianos, a partir de um questionário orientador. Foram entrevistados 10 migrantes bolivianos, os quais foram questionados sobre sua condição documental — documentada ou indocumentada — e como esse status influencia o acesso a direitos e serviços no contexto local. Entre as questões formuladas, incluiu-se uma pergunta específica sobre a autopercepção dos sujeitos enquanto fronteiriços, bem como as razões para o reconhecimento ou não dessa condição. As respostas a essa questão revelaram um dado analítico relevante, que motivou o aprofundamento do tema desenvolvido neste trabalho.

O percurso metodológico deste estudo consiste na reanálise qualitativa das entrevistas realizadas com migrantes, em diálogo com os resultados de pesquisa desenvolvida entre 2019 e 2022 sobre os processos de securitização da fronteira em Corumbá e seus efeitos nas percepções sociais locais.

A pesquisa anterior contou com 41 participantes brasileiros residentes no município, que foram ouvidos sobre como compreendiam a presença de migrantes, independentemente da nacionalidade, na dinâmica e na estrutura da cidade.

A combinação desses dois conjuntos de dados possibilitou a construção de um novo recorte, agora centrado no sujeito migrante e sua identidade e autoidentificação como fronteiriço.

A análise dos dados foi realizada por meio da interpretação das narrativas dos entrevistados, buscando identificar padrões discursivos, recorrências e sentidos atribuídos à fronteira e à condição fronteiriça. Esse material empírico foi articulado à revisão bibliográfica sobre fronteiras, cidadania, mobilidade e securitização, o que permitiu contextualizar as percepções dos sujeitos no âmbito de processos políticos e simbólicos mais amplos.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongéo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

Dessa forma, a metodologia adotada possibilita compreender a identidade fronteira não apenas como uma categoria territorial, mas como uma construção social atravessada por discursos de segurança, práticas institucionais e experiências concretas de acesso ou restrição a direitos no espaço fronteiro.

ANÁLISE DE RESULTADOS

As entrevistas semiestruturadas realizadas com migrantes bolivianos residentes e pendulares em Corumbá apontam que a condição documental ocupa papel central na forma como esses sujeitos experienciam a cidade e acessam direitos e serviços. Os relatos indicam que estar documentado é percebido como fator que amplia a possibilidade de circulação e acesso a serviços básicos, enquanto a condição indocumentada é associada ao medo, à insegurança e à exposição a abordagens discriminatórias. Esses dados reforçam a compreensão de que a documentação opera não apenas como instrumento jurídico-administrativo, mas como marcador social que condiciona a experiência urbana e o exercício da cidadania em contextos fronteiriços.

Um dos resultados mais relevantes da pesquisa emerge da pergunta sobre o reconhecimento da condição fronteira. De forma recorrente, os entrevistados afirmaram não se considerar fronteiriços, mesmo estando inseridos cotidianamente na dinâmica da fronteira. O termo “fronteiro” foi associado, em diversas falas, a sentidos negativos, como ilegalidade, criminalidade e irregularidade, revelando um distanciamento simbólico em relação a essa identidade. Tal resultado indica que a identidade fronteira, longe de ser percebida como uma condição social neutra ou cotidiana, passa a carregar uma carga estigmatizante que afasta os próprios sujeitos que vivem da fronteira.

Esse achado pode ser compreendido à luz do modo como fronteiras são socialmente representadas e politicamente governadas. Não raro, a fronteira é construída no imaginário público como sinônimo de instabilidade e ilegalidade, demandando presença militar e intensificação de controles, entendimento amplamente reverberado por discursos midiáticos e institucionais (COSTA, 2019, p.16). Esse enquadramento tende a induzir estranhamento nos próprios viventes fronteiriços, na medida em que “ser fronteiro” passa a adquirir conotação estigmatizante, como se a condição fronteira carregasse, por si, suspeição moral e jurídica (ALPIRES; FREITAS, 2021).

Tal processo se articula ao que a literatura denomina securitização: um movimento pelo qual determinados fenômenos são deslocados do campo da política ordinária para o campo da “ameaça”, legitimando medidas excepcionais de controle e vigilância (BUZAN; WAEVER; WILDE, 1998). Nessa abordagem, a securitização opera por meio do *speech act*, isto é, pelo convencimento público de que há um risco urgente que exige respostas extraordinárias (BUZAN; WAEVER; WILDE, 1998). Em contextos fronteiriços, esse movimento tende a produzir um “micropoder” associado à tutela exercida pelas forças de segurança, reforçando a ideia de que a fronteira seria um espaço sem lei e, portanto, naturalmente perigoso (COSTA, 2019).

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

Quando a fronteira passa a ser percebida como território hostil, periférico e vulnerável, as dinâmicas de circulação deixam de ser lidas como prática cotidiana e passam a ser reinterpretadas como sinal de ameaça e irregularidade (SILVA; RIBEIRO, 2016). Nesse cenário, as identidades produzidas na e pela fronteira tendem a ser atravessadas por estigmas, e sujeitos que vivem da mobilidade podem adotar estratégias discursivas de distanciamento em relação ao termo “fronteiriço”, justamente por ele estar colado a uma semântica de crime, risco e desordem (ALPIRES; FREITAS, 2021; DORFMAN, 2013).

Essa chave interpretativa permite compreender o dado empírico observado nas entrevistas: o não reconhecimento do “ser fronteiriço” não decorre de ausência de experiência territorial, mas da produção social de sentidos negativos atribuídos à fronteira sob uma racionalidade securitária. A fronteira, que também é espaço de interação e troca, torna-se, no plano simbólico, um marcador social indesejado, reorganizando formas de pertencimento e autoidentificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo refletir sobre como a securitização das fronteiras influencia a forma pela qual migrantes bolivianos que vivem ou circulam cotidianamente pela cidade de Corumbá (MS) percebem a identidade fronteiriça. A partir da reanálise de entrevistas semiestruturadas, que se mostrou central para esta reflexão: mesmo inseridos na dinâmica própria da fronteira, muitos sujeitos não se reconhecem como fronteiriços e associam esse termo a sentidos negativos.

Os resultados indicam que esse distanciamento não se explica pela ausência de vivência da fronteira, mas pela forma como ela tem sido socialmente representada. Em um contexto marcado por discursos e práticas de securitização, a fronteira passa a ser compreendida como espaço de perigo, ilegalidade e ameaça, e não como lugar de circulação, trabalho e convivência. Esse enquadramento simbólico acaba atravessando as percepções dos próprios migrantes, que buscam se afastar de uma identidade associada a estigmas e suspeições, mesmo quando essa identidade corresponde à sua experiência cotidiana.

Ao articular os dados empíricos com a literatura sobre fronteiras, securitização e identidade, o estudo aponta que os efeitos da securitização extrapolam o controle territorial e incidem diretamente sobre as subjetividades e as formas de pertencimento. A identidade fronteiriça, longe de ser um dado natural ou automático para quem vive na fronteira, mostra-se como uma construção social atravessada por relações de poder, discursos de segurança e experiências concretas de discriminação no espaço urbano.

É importante destacar que o material empírico utilizado não foi produzido originalmente com o objetivo de investigar a identidade fronteiriça, o que constitui uma limitação do estudo, mas também revela sua potência analítica. A partir de uma pesquisa voltada ao acesso a direitos, tornou-se possível identificar como a securitização da fronteira repercute de maneira profunda na forma como os sujeitos se percebem e se

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026

Porto Velho-RO

vcongeo2026@unir.br

[@vcongéo2026](https://www.instagram.com/vcongéo2026)

[vcongeo2026.unir.br](https://www.unir.br/vcongéo2026)

www.even3.com.br/vcongéo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

posicionam socialmente. Pesquisas futuras podem aprofundar essa discussão por meio de instrumentos específicos, ampliando o diálogo com os próprios migrantes sobre pertencimento, identidade e fronteira.

Conclui-se, por fim, que compreender os efeitos simbólicos da securitização é fundamental para pensar políticas e práticas que não reforcem estigmas sobre a fronteira e sobre aqueles que a vivenciam cotidianamente. Reconhecer a fronteira como espaço de vida, circulação e produção cultural, e não apenas como espaço de controle, é um passo necessário para enfrentar processos de discriminação e ampliar possibilidades de pertencimento e cidadania em contextos fronteiriços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALPIRES, Thais da Silva; FREITAS, Elisa Pinheiro de. As ações de securitização na fronteira Corumbá/BR – Puerto Quijarro/BO e os seus impactos nas percepções sociais sobre as migrações. **Revista GeoPantanal**, Corumbá, n. 31, p. 134–152, jul./dez. 2021.

BUZAN, Barry; WÆVER, Ole; DE WILDE, Jaap. **Security: a new framework for analysis**. Boulder: Lynne Rienner, 1998.

COSTA, Gustavo Villela Lima da. Das fronteiras nacionais às fronteiras internas: segurança, ordem e tutela militar no Brasil. **Revista Tomo**, São Cristóvão, n. 35, p. 7–46, jul./dez. 2019.

DORFMAN, Adriana. A condição fronteiriça diante da securitização das fronteiras do Brasil. In: NASCIMENTO, D. M.; PORTO, J. L. R. (org.). **Fronteiras em perspectiva comparada e temas de defesa da Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2013. p. 97–124.

FOUCHER, Michel. **Obsession des frontières**. Paris: Perrin, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, Tiago Luedy; RIBEIRO, Daniel Santiago Chaves. Defesa, desenvolvimento e securitização na fronteira setentrional da Amazônia brasileira: preocupações, atores e conexões regionais. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 9, n. 3, p. 225–238, 2016.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

📅 26 a 31/05/2026
📍 Porto Velho-RO
✉ vcongeo2026@unir.br
📱 @vcongeo2026
🌐 vcongeo2026.unir.br
🔗 www.even3.com.br/vcongeo-638599/